

MEUS JOVENS IRMÃOS DA RÚSSIA: MIKHAIL BAKUNIN E O POPULISMO RUSSO (1868-1879)

Francisco Raphael Cruz Maurício

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisador do Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente da Universidade Federal do Maranhão. Editor associado da revista Bakunin Vive. Integrante do conselho editorial do Projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin em Português.

RESUMO: Neste artigo é investigada a recepção do pensamento de Mikhail Bakunin entre os populistas russos durante o período de 1868 a 1879. A partir da memória *narodnik* e da historiografia dos *slavic studies* são reconstruídos o contexto histórico dos vínculos estabelecidos por Bakunin com seus compatriotas na comunidade *émigré* na Suíça e o impacto de seus escritos no Império Russo. Bakunin foi responsável pela palavra de ordem “ir ao povo”, que se tornou um movimento de aproximação da juventude revolucionária das cidades com o campesinato. Sua política federalista e coletivista defendida na Associação Internacional dos Trabalhadores influenciou organizações revolucionárias na Rússia. A análise da recepção possibilitou identificar duas formas de circulação e dois modos de assimilação do pensamento de Bakunin entre os populistas, além de identificar os contornos de uma rede transnacional e intergeracional de ativismo bakuninista no interior das movimentações populistas no período investigado.

PALAVRAS-CHAVES: Anarquismo. Populismo. Mikhail Bakunin.

ABSTRACT: In this article is investigated the reception of Mikhail Bakunin's thought among Russian populists during the period from 1868 to 1879. From *narodnik* memory and the historiography of *slavic studies* are reconstructed the historical context of the links established by Bakunin with his compatriots in the *émigré* community in Switzerland and the impact of his writings on the Russian Empire. Bakunin was responsible for the slogan “go to the people”, which became a movement to bring revolutionary youth in the cities closer to the peasantry. His federalist and collectivist politics advocated in the International Workingmen's Association influenced revolutionary organizations in Russia. The analysis of the reception made it possible to identify two forms of circulation and two modes of assimilation of Bakunin's thought among the populists, besides identifying the contours of a transnational and intergenerational network of Bakunist activism within the populist movements in the investigated period.

KEYWORDS: Anarchism. Populism. Mikhail Bakunin.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, são analisadas as relações entre bakuninismo e populismo russo. É explorado o período entre 1868 e 1879, escolhido por abranger desde a inserção de Mikhail Bakunin (1814-1876) na colônia russa na Suíça até o declínio da influência bakuninista com o surgimento de uma tendência constitucionalista, centralista e terrorista no populismo, representada pelo grupo Vontade do Povo.

Argumento que as relações entre bakuninismo e populismo foram construídas a partir dos encontros de Bakunin com os jovens *émigrés* na Suíça e com o contrabando de seus escritos para a Rússia, identificando, assim, duas formas de circulação (oral e escrita) do pensamento de Bakunin entre os populistas. Em seguida, abordo os modos de assimilação parcial e integral do bakuninismo pelos populistas, representada a primeira pela campanha “ir ao povo” e o programa da organização Terra e Liberdade, e a segunda pela Comuna Revolucionária dos Anarquistas Russos, seu jornal *Rabotnik* (Trabalhador) e a Organização Social-Revolucionária Pan-Russa. Esse trabalho busca se somar ao conjunto ainda incipiente de estudos sobre Mikhail Bakunin produzidos por pesquisadores brasileiros e latino-americanos, e contribuir com a elucidação dos elos construídos por Bakunin e os bakuninistas com o populismo russo¹.

POPULISMO E POPULISTAS: DEFINIÇÕES E USOS

A década de 1870 marcou a transição do “nihilismo cultural” dos anos sessenta para o “populismo” no seio da *intelligentsia* do Império Russo e de suas colônias de *émigrés* na Suíça (POMPER, 1993; KROPOTKIN, 1902). O termo populismo não deve ser compreendido como uma “doutrina política ou social” coesa, pois em sua época ele representou “um amplo espectro de ideias e atitudes” do qual surgiram movimentos políticos distintos (PIPES, 1960).

O termo *narodnismo* (*narodnichestvo*) ou apenas populismo, em português, foi empregado pela historiografia anglófona dos “estudos eslavos” para designar uma espécie de “socialismo agrário da segunda metade do século XIX, que sustentava a proposta de que a Rússia poderia contornar o estágio capitalista de desenvolvimento em direção ao socialismo através da comuna

1 O próprio populismo russo carece de pesquisas aprofundadas em língua portuguesa e os poucos estudos presentes em periódicos acadêmicos brasileiros se detêm nos debates de Marx com os populistas sobre o desenvolvimento econômico da Rússia. Nessa mesma linha temática foi publicado MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (2013), *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo. Há apenas um livro publicado no Brasil a tratar aspectos históricos, políticos, econômicos e culturais do populismo russo, a saber, FERNANDES, Rubem César. (1982), *Dilemas do socialismo: as controvérsias entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Os estudos sobre o pensamento e a vida de Mikhail Bakunin no Brasil ainda estão em seu início. Dentre os trabalhos já publicados, destaco Azevedo (2019), Brito (2016), Ferreira (2010), Ferreira e Toniatti (2014), Nascimento (2020), Pedro (2019). Na América Latina, destaco Persch (2021) e Silva (2010).

camponesa e do *artel*” (PIPES, 1964, p. 441).² No entanto, o termo “populismo” e o adjetivo “populista” (*narodnyi*) foram utilizados de diferentes maneiras pelas pessoas envolvidas nas movimentações políticas na Rússia Czarista. Em meados do século XIX, o substantivo *narod* (povo) e seus derivados foram amplamente utilizados na Rússia Imperial como equivalentes do *Volk* (povo) alemão. *Narodnyi* tinha frequentemente o sentido de “democrático” ou “popular” (PIPES, 1964).

[Foi no] sentido amplo que o adjetivo *narodnyi* era, às vezes, usado pelos radicais dos anos 1860 e início da década de 1870. Significava para eles “do lado do povo”, “popular” ou “democrático”. Como tal, era usado pelos membros do chamado Círculo de Chaikovsky (1869-72) quando falavam que sua tarefa era a formação de uma *istinno-narodnaia*, isto é, (...) [um] partido democrático. Mas nem eles nem os estudantes que em 1872-74 participaram do movimento “ir ao povo” jamais se chamaram *narodniki*. Algumas vezes falavam de si mesmos como “propagandistas” e “agitadores” (dependendo se subscriviam às doutrinas de Lavrov ou Bakunin), mas geralmente usavam a expressão “revolucionários socialistas (ou sociais)”. É nesses termos que os réus dos dois grandes julgamentos políticos de 1877 - os dos “Cinquenta” e os dos “Cento e Noventa e Três” - se referiam a seus grupos. Na imprensa *émigré* da época, às vezes, também se encontra a expressão *narodnaia revoliuttsiia* ou *narodnaia partiia*, onde o adjetivo “*narodnaia*” tem sempre o sentido de “democrático” e carece de conteúdo político ou social específico. A palavra *narodnichestvo* parece ter entrado no vocabulário político somente em 1878, embora o fenômeno ao qual se aplicava tenha surgido três anos antes. Ele representou uma fase específica na história do movimento socialista revolucionário: aquela entre o (...) “ir ao povo” em 1872-74 e o terrorismo de 1878-81. (PIPES, 1964, p. 443).

As fontes consultadas concordam que *narodnichestvo* (populismo) como conceito – embora não como uma designação política definida – “surgiu por volta de 1875 e foi aplicado a grupos que em 1878 formaram o *Zemlia i Volia* [Terra e Liberdade]” (PIPES, 1964, p. 444). Como um rótulo político caiu em desuso na segunda metade da década de 1880, mas ressurgiu por volta de 1890 em São Petersburgo, como um desqualificativo empregado pela recém-formada socialdemocracia para referir-se aos socialistas não marxistas.

Nossa análise mostra que *narodnichestvo* teve dois significados distintos e até certo ponto contraditórios. O primeiro era definido e subjetivo. Aplicou-se a uma teoria que defendia a hegemonia das massas sobre a elite educada, e representava uma teoria popular e pragmática da ação democrática. O segundo (...) tinha um significado amplo e objetivo. Ele definia não a relação da elite com as massas, mas a visão da elite sobre o desenvolvimento econômico do país. Se em seu uso primitivo *narodnik* definia aqueles que acreditavam na hegemonia das massas sobre a elite, no uso posterior se aplicava a qualquer um que acreditasse na capacidade da Rússia de contornar o capitalismo. *Narodnichestvo* no sentido original foi um fenômeno real, assim como uma designação que certos grupos radicais em 1878-81 realmente aplicavam a si mesmos. No segundo sentido, foi um dispositivo polêmico criado e popularizado por (...) marxistas no início da década de 1890, que não possuía nenhuma justificativa histórica e foi rejeitado por aqueles a quem era atribuído (PIPES, 1964, p. 457-458).

2 É nesse sentido, por exemplo, que vão compreender o termo “narodnismo” a maioria dos pesquisadores brasileiros que analisaram o debate entre Marx e os populistas sobre o destino econômico da Rússia novecentista.

Seria correto do ponto de vista histórico e antropológico, referir-se aos grupos, publicações e ações dos anos 1870-1875 apenas como “socialistas revolucionárias”, e classificar de “populistas” as organizações e ativistas que surgiram entre 1875-79, isto é, entre a formação e o desmembramento da organização Terra e Liberdade. Ainda que àqueles a quem historiadores e cientistas políticos classificaram como “populistas” nem sempre se autoidentificassem como tais, faço uso do termo populismo no sentido consolidado pela historiografia, por entender que apesar de um tanto quanto anacrônico, a partir das ressalvas feitas (PIPES, 1964), o termo ainda conserva o efeito de referir-se a um campo identificável de estudos em torno de um fenômeno circunscrito, o socialismo russo da segunda metade do século XIX³.

INDOMÁVEL REVOLUCIONÁRIO: BAKUNIN NA MEMÓRIA *NARODNIK*

Em 4 de julho de 1872, Mikhail Bakunin chegava a Zurique, vindo da pequena Locarno, para passar três meses com estudantes russos vindos à Suíça em busca de instrução ou escapando do czar, (LEHNING, 1999). Nesse mesmo ano, Zurique recebeu um outro russo, Peter Lavrov (1823-1900), vindo da França, onde havia tomado parte na Comuna de Paris no ano anterior⁴.

Naquele 4 de julho, Elizaveta Litvinova (1845-1919) era estudante de matemática. Na pensão em que residia, disseram-lhe: “Bakunin e sua Internacional jantarão em casa” (LEHNING, 1999, p. 293). Após o jantar, ela registrou em seu diário cenas etnográficas daqueles *émigrés* russos numa pensão suíça, conseguindo expressar a divisão política entre os “apoiadores” de Lavrov e os “seguidores” de Bakunin na comunidade expatriada em Zurique.

Bakunin voltou a Locarno, mas os traços de sua permanência ainda são evidentes; as ondas podem ser percebidas entre os emigrantes russos como aquelas deixadas para trás por um navio; os emigrados estão divididos em dois clãs: os seguidores de Bakunin e os apoiadores de Lavrov. Os dois clãs lutam violentamente. (LITIVNOVA *apud* LEHNING, 1999, p. 296).

No mesmo ano de 1872, chegava àquela cidade, vinda da distante Kazan, uma jovem descendente da nobreza russa que almejava estudar medicina e não podia em sua terra natal porque o ensino desta ciência era vetado às mulheres. Tratava-se de Vera Figner (1852-1942), à época com 20 anos de idade e futuramente participante da organização *Zemlia i Volia* (Terra e Liberdade) e,

3 Assim, ao me referir aos “populistas” do início dos anos 1870, isto é, pré-fundação da organização Terra e Liberdade, sejam os gradualistas como os lavrovistas, sejam os insurrecionalistas como os bakuninistas, tenho ciência de que esse era um termo ainda não disseminado entre eles.

4 Bakunin e Lavrov tinham origem social na nobreza e adentravam a década de 1870 com 56 anos e 47 anos de idade, respectivamente. Antes de chegarem a Suíça, já haviam passado pelas batalhas dos anos 1840 e 1860, experimentado a instrução militar na mesma escola de artilharia em diferentes períodos, assim como o contato com o socialismo europeu, as prisões do Império Russo e o desterro na Europa.

depois, liderança na *Naródnaia Vólia* (Vontade do Povo), partido clandestino que em 1881 assassinaria o czar Alexandre II⁵. Em suas memórias, ela descreveu a relação da juventude *émigré* da década de 1870 com Bakunin e Lavrov na Suíça.

Em relação a personalidade de Lavrov, a gente se comportava respeitosamente, mas sem calor nem fervor. Com Bakunin tudo era diferente. Se não como pensador, pelo menos como indomável combatente-revolucionário, o levávamos em nosso coração. Somente ele e nada mais suscitava nosso entusiasmo e pode-se dizer de maneira geral que todos nós, incluídos os *Fritschi* (um grupo de estudantes russos chamados assim em decorrência do nome da dona da pensão onde residiam), que haviam elaborado na imprensa o primeiro fascículo de *Vpered!* [jornal lavrovista], eram antiestatistas no sentido bakuninista; nos seduzia a poesia da destruição que se desprendia de seus escritos e panfletos. Sob o influxo de seus artigos, confiávamos nas faculdades criadoras das massas populares que, uma vez sacudidas do jugo do despotismo estatal por um poderoso movimento espontâneo, edificariam sobre as ruínas do antigo regime novas e justas formas de vida, fruto do ideal que o povo leva instintivamente no fundo de seu coração (FIGNER *apud* LEHNING, 1999, p. 393-394. Tradução minha.).

Em 1872, Leonid Shishko (1852-1910) tinha em comum com Figner a idade e a origem social na nobreza, contudo, não era um *émigré*, mas membro de um grupo de estudantes em São Petersburgo conhecido como Círculo de Chaikovski. Dalí a dois anos, Shishko faria como centenas de jovens russos, que abandonariam a cidade e iriam ao campo fazer propaganda e agitação em torno do socialismo entre os camponeses. Tal fenômeno foi chamado de *Idti i narod* (Ir ao Povo) e após aquele verão de 1874, Shishko seria um dos condenados a nove anos de trabalho forçado após a forte repressão que se abateu sobre os *narodniks*, e que resultou no Julgamento dos 193 (EKLOF; SABUROVA, 2017). Para Leonid Shishko, Bakunin causou forte impressão no movimento russo, mas sua influência foi breve, em essência apenas entre os anos de 1872 e 1876. Para ele, a influência de Lavrov era maior do que a de Bakunin (KIMBALL, 1971).

A despeito dos níveis de influência alcançados por Bakunin e Lavrov sob a juventude revolucionária russa dos anos 1870, é incontornável as marcas que ambos imprimiram naquela geração. O fato de povoarem as memórias dos *narodniks*, nas quais surgem, geralmente, como um par de opostos, é indicativo do efeito alcançado por ambos na biografia política daquelas pessoas. Em *A generation of revolutionaries*, os historiadores Ben Eklof e Tatiana Saburova (2017) comentam que

(...) Nem todo mundo lembrou que as opiniões de Bakunin tinham influência. Mikhail

5 Ela integrou a geração de mulheres *narodniks* dos anos 1870 e 1880 que posteriormente fundaram ou participaram dos partidos social-democrata, como Vera Zasulich, e socialista revolucionário, como a própria Figner. Ela participou da luta armada anticzarista, enfrentou as prisões da Rússia Imperial e com a fundação da União Soviética, foi ativa na Sociedade de Ex-Presos Políticos e Exilados, tendo ainda sobrevivido aos expurgos stalinistas e falecido de causas naturais em 1942 (HILLYAR, 1999).

Frolenko mais tarde lembrou que o círculo de Chaikovski examinou inicialmente os ensaios de Bakunin e até organizou uma discussão em grupo para os alunos. A primeira reunião foi bem atendida, a segunda muito menos e ninguém apareceu na terceira discussão planejada. Segundo Frolenko, os Chaikovtsy não ficaram satisfeitos com a leitura de Bakunin e, na primavera de 1874, partiram para o campo no movimento Ir ao Povo, “tendo-o esquecido completamente”. Em suas memórias, Charushin afirmou repetidamente que ele, como a maioria dos outros Chaikovtsy, nunca havia subscrito as opiniões políticas de Bakunin, especialmente sobre a necessidade de eliminar o estado (embora quando Charushin foi preso em 1874, [o livro] Estatismo e Anarquia de Bakunin estava entre os livros confiscados pela polícia) (EKLOF; SUBAROVA, 2017, p. 55-56).

A juventude que os debatia, como Vera Figner, entre os *émigrés*, e Leonid Shishko, com o chaikovitas, estava, à época, na faixa dos 20 anos de idade e era instruída e de origem social nobre, assim como eram Bakunin e Lavrov. Em *Trainin the nihilists: education and radicalism in tsarist Russia*, Daniel Brower (1975) nota que as origens de classe dos radicais de Petersburgo estava em famílias da elite do império. Ele argumenta que “as raízes da revolta radical residem nas experiências educacionais dos jovens estudantes do país” (BROWER, 1975, p. 68), pois entre 1840 e 1870, tradições sociais e velhos padrões de comportamento estavam desaparecendo. Alexander Herzen (1812-1870) interpretou de forma poética o impacto do ensino superior ao afirmar que

professores, livros e a universidade disseram uma coisa, e [nosso] coração e mente entenderam. [Nossos] pais e mães, parentes e pares sociais disseram alguma coisa, com a qual nem nosso coração nem nossa mente poderiam concordar (HERZEN *apud* BROWER, 1975, p. 68).

Pessoas pobres, como Sergei Netchaiev (1847-1882), eram exceção entre os *narodniks*, pois era a “classe que fornecia o pessoal para administrar os assuntos políticos e militares do país que também produzia os quadros da contra-elite revolucionária” (BROWER, 1975, p. 67). A lógica de tal ambiguidade sociológica da nobreza russa

era que a educação nobre era mais provável, em virtude de seu treinamento em liderança, de desenvolver as qualidades necessárias para os primeiros recrutas no movimento radical do que a educação das famílias não privilegiadas. A nobreza proprietária de terras estava experimentando os efeitos perturbadores de seu próprio declínio econômico e do crescente poder da burocracia estatal. (...) Alguns nobres proprietários de terras estavam de fato tentando lidar com a crise buscando posições para seus filhos na burocracia. A educação era indispensável para esses planos (...). De alguma forma, alguns desses jovens foram despojados das lealdades e atitudes especiais de suas diferentes classes sociais para se tornarem membros da comunidade radical (BROWER, 1975, p. 68).

FUNDADOR E ESTRATEGISTA: BAKUNIN NA HISTORIOGRAFIA DO POPULISMO

Como já comentado, pode ser difícil definir o que foi o populismo russo, vide se constituir num rótulo que, à maneira de um guarda-chuva, albergava expressões intelectuais, políticas e artísticas vinculadas as aspirações de uma *intelligentsia* em relação ao povo, em especial ao

campesinato. Derek Offord (2004), que estudou o narodnismo, particularmente suas organizações políticas maduras dos anos 1880, ofereceu uma “síntese” do populismo russo através de seis ideias principais e interrelacionadas que circulavam entre os adeptos.

Implícitos no credo populista que finalmente evoluíra por volta de 1870 eram talvez até seis suposições fundamentais e inter-relacionadas. Em *primeiro* lugar, a comuna camponesa russa era uma instituição igualitária e democrática e serviria de base para o socialismo na Rússia. Em *segundo* lugar, o camponês russo era instintivamente socialista, ou pelo menos tinha qualidades que o tornavam receptivo ao coletivismo socialista. Em *terceiro* lugar, dadas essas vantagens, a Rússia poderia contornar o estágio capitalista do desenvolvimento econômico que atualmente afeta as nações avançadas da Europa Ocidental e, assim, passar diretamente de uma condição semifeudal para o socialismo. Em *quarto* lugar, o homem educado tinha a responsabilidade moral de se dedicar à tarefa de transformar sua sociedade em nome do ideal socialista. Em *quinto* lugar, o indivíduo – ou pelo menos o indivíduo que pertencia às fileiras da *intelligentsia* – possuía, como sua nação como um todo, a liberdade e a capacidade de exercer um grau significativo de controle sobre seu próprio destino. E, *sexto*, a próxima revolução não apenas promoveria os interesses das massas populares, mas também daria expressão aos seus desejos e até seria realizada principalmente por elas. Os expoentes clássicos do populismo assim definidos foram Lavrov, Mikhaylovsky e Bervi-Flerovsky, embora Bakunin, em termos gerais, compartilhe a maioria das suposições enumeradas acima e até Tkachov, apesar de todo o seu isolamento entre os revolucionários da década de 1870, subscrevia algumas delas (OFFORD, 2004, p. 1-2. Tradução e destaques meus).

No trecho acima, Derek Offord (2004) localizou Bakunin ao lado de Lavrov e Peter Tkachev (1844-1886) como os responsáveis pelas três principais orientações entre os populistas. Já Franco Venturi (1972), elencou o anarquista russo como um dos três antecessores do narodnismo ao lado de Alexander Herzen (1812-1870) e Nikolai Tchernichevski (1828-1889). Por sua vez, Lynne Hartnett (2014) apontou Bakunin e Lavrov como os mais importantes teóricos do radicalismo russo do período populista. Apesar das diferentes perspectivas de Venturi (1972) e Offord (2004) sobre os “pais fundadores” do narodnismo, tanto eles como Hartnett (2014) concordam sobre a influência de Bakunin nas movimentações populistas, de modo que sua presença é incontornável na historiografia sobre este período do socialismo russo.

Apesar de Bakunin, Lavrov e Tkatchev partilharem de algumas posições, eles divergiam fundamentalmente na maneira pela qual a jovem *intelligentsia* deveria atuar no contexto russo, marcado por uma autocracia que governava um continental país agrário, cuja maior parte de seu povo àquela altura era majoritariamente de origem social camponesa (MOON, 1996)⁶. Em termos

6 Moon (1996) afirma que “(...) tentativas de estimar a população camponesa do Império Russo com base nos dados do censo de 1897 sugerem várias conclusões gerais. Segundo a definição legal, o campesinato representava 77,1% da população total do império. Pela definição profissional mais restrita, no entanto, pouco mais de 70% da população pode ser descrita como camponesa. De acordo com outras definições mais amplas, que incluem pessoas às margens do campesinato agrícola, a população camponesa se aproximou ou até excedeu 80% da população do final da Rússia imperial. A proporção de camponeses na população, definida por propriedade social ou ocupação, era maior na parte europeia do império e no sul da Sibéria e entre os povos europeus dos domínios do czar. O pastoralismo, especialmente o nomadismo pastoral, continuou sendo a principal ocupação da população apenas na Ásia Central e nas partes mais remotas da Sibéria entre as seções não-eslavas da população classificada como

sumarizados, pode-se dizer que foram proponentes de três diferentes estratégias para se alcançar a mudança social na Rússia: a posição de Bakunin pode ser classificada como insurrecional e de massas, a de Lavrov como educacionista e também de massas, já a de Tkatchev como *putchista* e vanguardista (FIGNER, 1927; HARDY, 1976; HARTNETT, 2014; OFFORD, 2004).

Em determinado momento, essas estratégias circularam por meio de seus proponentes e aliados, de maneira oral e através da literatura por eles produzida para os *émigrés* e aqueles que se encontravam na terra natal. Em termos cronológicos, o debate entre bakuninistas e lavrovistas durou até por volta de 1876 (FIGNER, 1921). Tkachev se envolveu nas celeumas entre *émigrés* apenas a partir de 1875 e após essa data permaneceu como minoritário em termos de adesão, sua falta de diplomacia no debate político da colônia russa e sua defesa de métodos putchistas de atuação reavivou a lembrança ainda não adormecida do caso Netchaiev entre os *narodniks* (HARDY, 1976). Contudo, como observou Offord (1986), a localização de Tkachev entre os três principais estrategistas do populismo russo dos anos setenta é importante para compreendermos a política que parte dos *narodniks* assumiriam após 1879.

O credo populista deu origem no início da década de 1870 a certas estratégias que sustentavam a atividade dos revolucionários naquela década, (...) [elas] continuaram a servir como o principal ponto de partida para discussão em organizações revolucionárias ao longo da década de 1880 (...). De longe, as estratégias mais influentes foram as de Lavrov e Bakunin, mas é importante também levar em conta as opiniões de Tkachov, pois teremos que considerar oportunamente até que ponto algumas de suas suposições desafiadoras afetaram o pensamento dos revolucionários depois de 1879 (OFFORD, 2004, p. 09. Tradução minha).

A RECEPÇÃO DO BAKUNINISMO PELA COMUNIDADE *ÉMIGRÉ* NA SUÍÇA

Para os revolucionários russos do século XIX, a Suíça constituía-se em lugar de estudo e asilo político. Não foi por outro motivo que Bakunin e Lavrov aportaram em terras do antigo povo helvécio. Pelo menos duas gerações de revolucionários desembarcaram em Locarno, Genebra, Vevey, Zurique e Basileia em diferentes momentos de repressão do regime autocrático russo. Foi por lá que Alexander Herzen, Bakunin e Lavrov e, posteriormente, Peter Kropotkin (1842-1921), Netchaiev e Tkachev se abrigaram da censura e contrabandearam propaganda para a Rússia (SENN, 1968; HARDY, 1976).

Para os revolucionários russos do século XIX e início do século XX, a Suíça era um asilo e um refúgio de estudo. Russos e poloneses se reuniram em universidades suíças; os

‘estrangeira’. Apesar do início das mudanças associadas à ‘modernização’, em particular a urbanização e industrialização, o Império Russo ainda era um país predominantemente rural, agrícola e camponês em 1897” (p. 151. Tradução minha).

revolucionários buscaram uma pausa ou uma nova base de operação. Herzen passou seus últimos dias em Genebra; Kropotkin e Bakunin foram ouvidos com simpatia na Suíça; e na década de 1870, foi dada nova atenção aos problemas do asilo político em conexão com o caso Netcháiev (SENN, 1968, p. 324. Tradução minha.).

Tal era a conexão dos revolucionários com a Suíça que Karl Marx (1818-1883), em carta a Friedrich Sorge (1828-1906) em 1880, afirmou, de forma irônica, que “para fazerem propaganda na Rússia vão para Genebra! *Que quid pro quo!*” (MARX *apud* LEHNING, 2004, p. 36). De fato, era assim desde pelo menos 1865, quando Herzen deixou a Inglaterra em direção a Suíça para dar continuidade a publicação de seu influente jornal *Kolokol* (Sino). Porém, isso não se deu por uma espécie de excentricidade, como indica a ironia de Marx, mas como uma estratégia eficaz para a produção e circulação de propaganda socialista em língua materna para a comunidade de revolucionários que amargavam a censura e a perseguição política do regime imperial⁷.

Os jovens *narodniks* dos anos setenta, pelo menos os *émigrés*, estavam em contato pessoal com uma geração mais antiga de revolucionários, de modo que as colônias russas nas cidades Suíça, podem ser entendidas como um outro espaço de socialização, no sentido de que a família e a escola haviam sido em suas vidas pregressas. O contato com a literatura ocidental na universidade e a posterior inserção na comunidade *émigré* possibilitou a esses jovens de origem nobre interiorizarem certos esquemas de percepção da realidade (BOURDIEU, 2007)⁸, incorporarem determinadas práticas e adquirir expectativas de futuro que os prepararam moralmente para a trajetória do revolucionário russo dos oitocentos: ensino superior, círculo de debate, atividade clandestina, perseguição governamental, prisão, morte ou exílio.

Às vezes, viajando longas distâncias, os russos na Europa se encontravam, formal e informalmente, com frequência para planejar novos planos, criar fundos ou formular nova propaganda anticzarista. De vez em quando, um membro da geração mais jovem de emigrantes faria uma respeitosa peregrinação para visitar um radical mais antigo, apesar das diferenças em suas teorias e anos. Revolucionários mais antigos – P.L. Lavrov e Mikhail Bakunin podem servir de exemplo – algumas vezes foram procurados e atraídos para projetos patrocinados pelas gerações mais novas. Reuniões mais formais de associações radicais foram assistidas por emigrantes de muitas tonalidades políticas. Socialmente também os emigrados radicais se uniram. Em Genebra e Zurique, frequentavam cafés especiais, onde as noites de beber vinho e cantar variavam entre nostálgico e o barulhento. Eles dividiam acomodações e ofereciam espaço para os hóspedes

7 Como afirma Daly (2002), “muitas das elites instruídas da Rússia viviam na Europa Ocidental e sabiam que eram muito mais propensas a encontrar repressão na Rússia do que no Ocidente. (...) Sob o regime imperial, os ativistas políticos foram perseguidos por suas crenças por muito mais tempo do que seus pares nos países da Europa Ocidental” (p. 93-99. Tradução minha).

8 Estou pensando a comunidade *émigré* como instituição promotora de um “habitus”, isto é, um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191). Os círculos de estudantes, em particular, e o movimento estudantil, em geral, nos centros urbanos do Império Russo, também podem ser pensadas como espaços sociais nos quais incorporava-se certos esquemas de percepção e classificação do mundo que orientavam a conduta do agente, conformando, assim, o “habitus” do revolucionário russo da segunda metade dos oitocentos.

de fora da cidade. Quando se mudavam, a correspondência era volumosa; a emigração criou muitos amigos, apesar das diferenças ideológicas. Os funerais eram ocasiões para reuniões em massa dos colonos (...) (HARDY, 1976, p. 401)

Os quase 30 anos que separavam as gerações de Bakunin e Lavrov da de Figner e Shishko, ajuda a caracterizar o narodnismo como fenômeno político intergeracional, pois incluía não apenas uma conexão entre russos e expatriados, que animava uma rede internacional por onde circulavam desde literatura subversiva, fundos para campanhas até passaportes falsos, mas também uma conexão política entre diferentes gerações de uma *intelligentsia* revolucionária. Eles partilhavam a origem de classe, o despojamento dos valores morais cultivados por suas famílias de origem nobre e a incorporação de ideias socialistas através do ensino superior, mescladas com a filosofia russa nos círculos estudantis. Apesar das diferenças de idade, tinham em comum uma origem similar e um universo simbólico de referenciais políticos e expectativas de futuro, o que não dificultava a realização de tais intercâmbios geracionais.

A RECEPÇÃO DO BAKUNINISMO PELOS CÍRCULOS REVOLUCIONÁRIOS NA RÚSSIA

Desde a época dos dezembristas de 1825 que a atividade política revolucionária se valia de periódicos. O *Kolokol* de Herzen foi, durante o tempo em que existiu (1857-1867), uma tribuna do socialismo russo e a comunidade *émigré* na Suíça detinham suas próprias gráficas (SENN, 1968). A partir de 1867, Bakunin residiu em Genebra e lá publicou escritos que serviram de orientação para ação populista no início da década seguinte.

Entre os anos de 1868 a 1875, Bakunin produziu uma série de escritos sobre a Rússia. Seus textos desse período versam sobre a relação da jovem *intelligentsia* com o destino do povo russo, o papel da ciência na emancipação social e sobre a estratégia para alcançar uma Rússia politicamente federalista e economicamente coletivista. O leitor mais atento de Bakunin sabe que este período não é o único em que o anarquista refletiu sobre a sua terra natal.

Uma “genealogia” da “questão russa” na produção intelectual de Bakunin nos levaria até o remoto ano de 1849, quando aos 35 anos de idade, ele escreveu artigos sobre a situação da Rússia (PEDRO, 2019, p. 487). Suas reflexões sobre o tema são retomadas no início dos anos 1860, após seu período de prisão na Fortaleza de Pedro e Paulo. De modo que seus “escritos russos” iniciados

na década de 1840, são retomados nos anos 1860 e encerram-se em 1875, um ano antes de falecer na Suíça⁹.

Em 1868, Bakunin organizou com Zhukowski Nikolai Ivanovich (1833-1895), a publicação que deveria ser o germe de uma organização no interior do narodnismo. Tratava-se do *Narodnoie Dielo* (Causa do Povo), lançado em Genebra, em 1º de setembro de 1868. Contudo, divergências com os outros editores fizeram Bakunin e Zhukowski abandonarem o jornal depois do número inaugural¹⁰, que seguiu por mais nove edições até o ano seguinte, produzidas por russos aderentes da ala marxista da AIT (FERNANDES, 1982)¹¹.

Nesta primeira edição, “(...) Bakunin, situou o movimento russo no quadro europeu, apelou para uma ação revolucionária imediata, e insistiu em que a jovem *intelligentsia* deveria ligar-se ao povo camponês e dar as costas à política de Estado (...)” (FERNANDES, 1982, p. 108). Dos quatro artigos constantes, Bakunin e Zhukowski escreveram dois (McCLELLAN, 1979). Em um deles, “A ciência e o povo”, Bakunin definiu a ciência e a educação em relação à revolução e ao campesinato (BAKUNIN, 2009, p. 23). Consta também o artigo intitulado “Nosso Programa”, em que Bakunin e Zhukowski expõem suas teses referentes ao Estado, ao federalismo, a propriedade da terra e a ciência.

O primeiro número obteve ampla repercussão na Rússia e constituiu-se num dos principais formadores da orientação bakuninista no amplo espectro *narodnik* (FERNANDES, 1982). A edição foi “devorada com prazer” pelos revolucionários russos, sendo copiada e recopiada, cumprindo a função de reabrir os debates que haviam sido silenciados pela repressão política sobre os populistas, uma resposta do Estado russo ao atentado de Karakosov contra o czar Alexandre II em abril de 1866¹² (GAMBLIN, 1999; GOODWIN, 2010).

Quando foi publicada a primeira edição de *Narodnoie Dielo*, Varlaam Cherkezov (1846-1925) circundava a organização de Netchaiev, *Narodnaya Rasprava* (Represália Popular [1868-

9 A particularidade da “questão russa” no pensamento de Bakunin relaciona-se com a “questão eslava”, em geral. O leitor curioso sobre os “escritos eslavos” do autor pode consultar Angaut (218).

10 No segundo número, saiu uma carta de Bakunin afirmando não mais possuir relações com a publicação (VENTURI, 1960). Nicolai Utin (1841-1883), partidário de Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores, passou a dirigir a publicação e com advento da organização da seção russa da AIT, *Narodnoe Delo* passou a órgão oficial dos marxistas russos, saindo dez números até setembro de 1869 (FERNANDES, 1982; McCLELLAN, 1979).

11 Lavrov começou a publicar em 1873 o seu *Vpered!* (Avante!), editado até 1877 (OFFORD, 2004). A publicação de Lavrov destacou-se em bibliotecas mantidas por organizações clandestinas na Rússia, em cidades como São Petersburgo, Moscou, Kiev, Tula, Kharkov, Taganrog, Orenburg, Poltava, Samara, Nikolaevsk entre outros centros de atividade revolucionária (KIMBALL, 1971). Já Tkachev, que em seu primeiro ano de *émigré* ainda não havia sido rejeitado pela colônia russa, começou a perder possíveis aliados a partir de dezembro de 1875, com a publicação de *Nabat* (HARDY, 1976).

12 Para conhecer o caso Karakosov, consultar Verhoeven (2011).

1869]). Relembrando seus tempos de populista revolucionário, Cherkezov descreve o impacto da primeira edição escrita por Bakunin e Zhukowski no meio *narodnik*.

É fácil agora entender a alegria com que saudamos o programa de Bakunin e todo o primeiro número de A Causa do Povo (1868). Tendo recebido um exemplar em Petersburgo, durante todo o mês de Setembro, copiamo-lo e difundimo-lo, enviando-o para Moscou e para as províncias. Finalmente tínhamos encontrado na imprensa uma formulação clara dos nossos pensamentos e das nossas queridas aspirações. Esta foi também a fonte da popularidade generalizada de Bakunin, que foi o único membro da geração dos fundadores que veio para a defesa do populismo revolucionário (CHERKEZOV *apud* GOODWIN, 2010, p. 27).

Venturi contextualiza as razões para o sucesso da primeira edição de Causa do Povo, afirmando que “Bakunin retomou as discussões ideológicas e culturais que haviam sido suspensas quando a repressão se instalou em 1866, e as levou a uma conclusão política” (VENTURI, 1960, p. 431). Em 1º de abril de 1869, o panfleto “Algumas palavras aos meus jovens irmão da Rússia” foi publicado em Genebra. Venturi afirma que dois apelos publicados por Nicolai Ogarev (1813-1877) e este panfleto de Bakunin foram os “incentivos mais imediatos para o grande movimento Ir ao povo de alguns anos mais tarde” (VENTURI, 1960, 364-365). De fato, no texto Bakunin argumenta que “a garantia do triunfo popular reside na união da juventude com o povo” e conclama os universitários a “ir ao povo”.

Amigos! Abandonem o quanto antes esse mundo condenado a destruição! Abandonem essas universidades, essas academias, essas escolas que agora os expulsam, elas nunca fizeram outra coisa que afastá-los do povo. Vão ao povo. É nele que deve estar sua carreira, sua vida e sua ciência. Aprenda em meio a essas massas com as mãos calejadas pelo trabalho como deveis servir a causa do povo. E lembre-se bem, irmãos, que a juventude culta não deve ser nem o amo, nem o protetor, nem o benfeitor, nem o ditador do povo, senão a vanguarda de sua emancipação espontânea, o coordenador e organizador dos seus esforços e de todas as forças populares¹³.

A intervenção de Bakunin no populismo russo continuou até o verão de 1873, quando foi escrito em língua materna seu último livro, “Estatismo e anarquia”. O texto fora encomendado por russos para difundir a AIT no império czarista e recebeu o subtítulo de “a luta entre os dois partidos na Associação Internacional de Trabalhadores”. A obra foi escrita e divulgada no contexto das disputas pela orientação da AIT entre marxistas e bakuninistas. Foram produzidas 1200 cópias na Suíça e contrabandeadas para a Rússia (SHANTZ, 1990).

A recepção do bakuninismo nos círculos *narodnik* pode ser constatada não apenas pelo relato de Cherkezov sobre a primeira edição de Causa do Povo, mas pelo fato de o “Apêndice A” de

13 BAKUNIN, Mikhail. Algumas palavras aos meus jovens irmão da Rússia. Disponível em: <http://arquivobakunin.blogspot.com/2010/11/algumas-palavras-aos-meus-jovens-irmaos.html>. Acesso em 25 fev. 2021.

“Estatismo e Anarquia” ser constantemente encontrado pela polícia do czar durante as investigações nos centros de atividades clandestinas na Rússia durante a década de 1870 (OFFORD, 1986).

(...) Os revolucionários emigrados tinham agora estabelecido redes eficientes para contrabando de literatura através da porosa fronteira russa, e a maioria dos exemplares da obra eram enviados com segurança para São Petersburgo, onde eram distribuídos por círculos revolucionários. (SHANTZ, 1990, p. XXV).

Através da publicação da primeira edição de *Narodnoe Delo* e, posteriormente, do “Apêndice A” de “Estatismo e Anarquia”, o bakuninismo pode circular (ilegalmente) no Império, valendo-se de uma logística clandestina de fundos e gráficas, acionada por uma rede de militantes dispostos a fazer os escritos de Bakunin saírem da Suíça e chegarem à Rússia. Dessa forma, o programa bakuninista pode concorrer com a linha lavrovista nos círculos estudantis radicais de Moscou e São Petersburgo, ampliando, assim, o raio de influência anarquista sobre o populismo, tornando sua circulação transnacional.

O “Apêndice A” é uma análise pormenorizada de Bakunin sobre o contexto sociopolítico da Rússia e uma avaliação crítica da possibilidade de construção de uma via socialista para o campesinato a partir do *mir*. A avaliação de Bakunin sobre o *mir* (comunidade rural) é *sui generis* entre os populistas do período. Em comum com seus contemporâneos, ele aventava a possibilidade de uma via socialista para a Rússia baseada na tradição da propriedade coletiva da terra exercitada tradicionalmente pela comunidade camponesa do país. Por outro lado, sua defesa do *mir* não é nada romântica ou desprovida de críticas, como foi comum na maioria dos populistas. Como destacam Gusmán e Molina:

Bakunin distinguiu elementos positivos e negativos. Entre os positivos incluía: a) a convicção fortemente arraigada de que a terra pertencia integralmente ao povo; b) a posse da terra era um direito que não correspondia ao indivíduo senão à comunidade rural (ao *mir*), que se encarregava de reparti-la entre seus membros por prazos temporários definidos; c) a autonomia política quase absoluta, bem como a capacidade administrativa e gerencial do *mir*, que provocava a hostilidade manifesta daquele em relação ao Estado. A consciência histórica do povo russo se encontrava, no entanto, obscurecida por outros três traços que, desnaturalizando-a em parte, atrasavam a emancipação do povo russo: 1) o patriarcalismo; 2) a absorção do indivíduo pelo *mir*; 3) a confiança no czar. (GUSMÁN; MOLINA, 2005, p. 30).

Para Venturi (1960), a leitura populista de Estatismo e anarquia, principalmente seu Apêndice A, motivou o que ficaria conhecido na historiografia *narodnik* como movimento Ir ao povo. Neste texto, Bakunin retoma a tese da aliança entre a juventude intelectual das cidades com o campesinato como condição para uma ofensiva popular.

Digamos apenas que o povo russo só reconhecerá a juventude intelectual como sendo a sua própria, quando ela vier compartilhar sua vida, sua miséria, sua causa e sua revolta desesperada. Doravante, é preciso que esta juventude esteja presente não como testemunha,

mas como participante ativa, na primeira fileira da ação, e que esteja pronta a se sacrificar, em todos os lugares e em qualquer momento, em todos os movimentos e insurreições populares, tanto os maiores como os menores. É preciso que, embora agindo segundo um plano concebido com rigor e eficácia, e submetendo, neste sentido, todos os seus atos à mais estrita disciplina, afim de que seja criada esta unanimidade, sem a qual não há vitória possível, ela mesma aprenda e ensine ao povo, não só a resistir ferozmente, mas também a passar com ousadia ao ataque. (BAKUNIN, 2003, p. 256-257).

Estima-se que entre 3.000 a 4.000 estudantes (BROMLEY, 2002) de Moscou e São Petersburgo (FIGES, 2002), deixaram a universidade e suas famílias para se dirigirem ao interior do país, e estabelecer relações diretas com os camponeses como professores, agitadores, propagandistas, ou simplesmente como estudantes do folclore. Autoridades encontraram evidências de atividade propagandística em trinta e sete (das quarenta e nove) províncias, sendo as regiões do Volga e do Don objetivos especiais devido à tradição de rebeliões populares como as de Razin e Pugachov. Kiev e outras cidades do sul, até a Crimeia também estavam entre os destinos de viagem dos populistas (YARMOLINSK, 1956).

Contudo, o governo respondeu com repressão política, transformando a “ida ao povo” numa “ida à cadeia”. No final do ano, a maioria dos participantes do movimento foram presos ou fugiram para evitar a prisão (FIELD, 1987)¹⁴. O movimento marcou uma virada na história do socialismo revolucionário russo, pois, em aderentes, representou um salto numérico em comparação aos participantes dos círculos radicais. Abriu também as discussões sobre a organização e a estratégia revolucionárias, que, mais tarde, resultariam na formação de organizações, cuja primeira foi a Terra e Liberdade (GAMBLIN, 1999; FERNANDES, 1982; FIELD, 1987). Muitos dos estudantes que haviam participado do movimento naquele verão de 1874, tornaram-se, no futuro, funcionários do *zemstvo*¹⁵ (professores, médicos, estatísticos e agrônomos) cuja política democrática atraía a polícia, que realizava batidas nos escritórios do *zemstvo*, incluindo hospitais e asilos, na busca de revolucionários (FIGES, 2002).

O elo mais bem desenvolvido entre o bakuninismo e o populismo foi a Comuna Revolucionária dos Anarquistas Russos e seu periódico, o *Rabotnik*. Essas iniciativas se devem em grande medida, mas não apenas, aos empenhos, desde a Suíça, de Zamfir Constantin Arbore (1848-1933), conhecido como Z.K Ralli. Em fins dos anos 1860, ele se aproximou de Netchaiev quando

14 Fernandes (1982) cita o relatório do Ministro da Justiça, Conde Pahlen, que traz os seguintes dados sobre a repressão governamental ao movimento: 770 pessoas presas, dos quais 612 homens e 158 mulheres, 452 em liberdade condicional, 265 mantidos em prisão, 53 fugidos.

15 O *zemstvo* era uma forma de governo local operado por conselhos municipais e provinciais, que decidiam sobre assuntos como comunicação, assistência médica, educação e comércio. Foi instituído durante as reformas realizadas na Rússia imperial por Alexandre II da Rússia. A ideia do *zemstvo* foi elaborada por Nikolay Milyutin e suas primeiras leis foram implementadas em 1864. Fernandes (1982), afirma que populistas se dedicaram a vitalizar o *zemstvo*, o percebendo como lugar de disputa em prol de um autogoverno popular.

ainda era um estudante de medicina na Rússia. Contudo, devido à repressão governamental, migrou em 1870 para Zurique, na Suíça. Lá se aproximou dos jovens bakuninistas, convertendo-se ao anarquismo. Contudo, o rompimento com Mikhail Petrovich Sazhin (1845-1934), colaborador de Bakunin, levou este a romper os laços pessoais com Ralli, ainda que Ralli tenha permanecido ideologicamente bakuninista e disseminando o programa anarquista no populismo russo pela década de 1870.

Gamblin (1999) comenta que Ralli e seus amigos eram um pequeno, mas eficaz grupo anarquista que tentou unir o movimento revolucionário russo com as ideias da Internacional federalista da Europa. Destaca que após as prisões de 1874, coube aos anarquistas no exílio reconstruir o movimento na Rússia, tornando-se a Comuna Revolucionária dos Anarquistas Russos a voz mais importante da emigração. O autor ainda conclui que isso representou uma vitória do programa bakuninista sobre o de Lavrov, restrito ao método educacionista. Durante seu ano de existência, a partir de janeiro de 1875, o *Rabotnik*, tentou aplicar o anarquismo bakuninista ao movimento revolucionário russo e às condições nacionais, seus esforços revelaram-se exitosos no fato da criação em 1875 da primeira iniciativa de escala nacional do populismo, a Organização Social-Revolucionária Pan-Russa (OSRPR), possuir um programa federalista e coletivista. A OSRPR realizou táticas bakuninistas tais como a inserção dos estudantes nas fábricas como operários, o recrutamento de operários, aproximação com os camponeses pobres, oposição ao centralismo organizacional em favor de um modelo federativo. A OSRPR era conscientemente bakuninista, afirma Gamblin (1999).

(...) A Organização Social-Revolucionária Pan-Russa foi conscientemente influenciada por Bakunin e tentou adaptar as ideias anarquistas às condições russas. Seu objetivo declarado de viver entre o povo, tentando trabalhar com ele de dentro para construir uma organização popular, para unir a atividade revolucionária do povo, representa tanto a inspiração do anarquismo da Internacional sobre o movimento revolucionário russo, quanto a continuidade do anarquismo após o ano desastroso de 1874 (GAMBLIN, 1999, p. 205).

O segundo programa da organização Terra e Liberdade¹⁶ expressa algo da influência do pensamento de Bakunin sobre o populismo russo numa fase pós-movimento ir ao povo. Isso pode ser constatado por referências ao anarquismo e coletivismo, autogoverno, anti-imperialismo,

16 A organização Terra e Liberdade possuiu dois programas. Um de 1876, correspondente ao período formativo da organização, e outro de 1878, da fase já institucionalizada do partido (FERNANDES, 1982). Contudo, existiu mais de uma organização na Rússia com esse nome durante o século XIX. A primeira vez que a expressão “terra e liberdade” batizou uma organização política revolucionária foi em 1861. Influenciada pelas ideias de Herzen, Ogarev e Chernyshevsky essa primeira organização foi extinta em 1864. O segundo Terra e Liberdade surgiu em 1876, sendo dissolvido em 1879 (YAMOLINSKY, 1956).

liberdade religiosa, e à socialização da terra. O programa, elaborado em 1878, abre com a seguinte fase: “nosso ideal político e econômico é a anarquia e o coletivismo” (FERNANDES, 1982, p. 115).

Em seguida reafirma o tom propriamente populista: “as características básicas do povo russo são de caráter socialista e que se os desejos e tendências populares fossem hoje realizados, teríamos bases duráveis para o desenvolvimento do socialismo na Rússia” (FERNANDES, 1982, p. 115). As reivindicações são formuladas em quatro pontos principais: 1) “não é justo que a propriedade da terra seja de quem nela não trabalha” (FERNANDES, 1982, p. 116), ecoando a formulação de Bakunin e Zhukowski no programa contido na primeira edição de *Narodnoe Delo*, publicado uma década antes, que afirmou “a terra pertence a quem nela trabalha, à comuna rural” (FERNANDES, 1982, p. 112); 2) “quanto ao ideal político, o povo russo deseja o autogoverno comunal” (FERNANDES, 1982, p. 116); 3) “na esfera da religião, o povo russo caracteriza-se pela tolerância e, em geral, é favorável à liberdade religiosa” (Ibid); 4) “no Império Russo há territórios e mesmo nações que desejam se separar na primeira oportunidade. (...) É nosso dever apoiar a causa da divisão do Império Russo conforme a vontade das respectivas populações” (Ibid).

O programa ainda possui uma parte nomeada de “construtiva” e outra chamada “destrutiva”. Na parte construtiva, concebe-se o trabalho de agitação, propaganda e organização entre estudantes, camponeses, operários, assaltantes, seitas religiosas antigovernamentais e a aproximação com liberais visando aproveitá-los para a causa. O objetivo declarado é radicalizar e generalizar as tendências populares, o meio é a agitação, que incluiria desde o protesto legal contra a autoridade local até a rebelião armada. Já na parte destrutiva, são elencados três pontos, estabelecer contatos e células no exército, sobretudo entre os oficiais, ganhar para a causa pessoas que trabalhem em instituições governamentais e atentatos sistemáticos contra os representantes ou perniciosos do governo (FERNANDES, 1982, p. 117-118).

O movimento “ir ao povo” e determinados aspectos do programa da organização Terra e Liberdade podem ser compreendidos como exemplos de assimilações parciais do bakuninismo no interior do populismo russo. Ainda que a ida ao povo tenha se realizado, ela não alcançou objetivos propriamente bakuninistas como a formação de uma organização camponesa de massas e autônoma ao governo central, e uma organização política socialista revolucionária. Mesmo que a organização Terra e Liberdade reivindicasse o anarquismo e o coletivismo, o anti-imperialismo e a insurreição de massas, a aproximação com seitas religiosas, com liberais e agentes do governo, o distanciam de Bakunin. A OSRPR pode ser entendida como exemplo de assimilação integral do bakuninismo no contexto do populismo revolucionário, não só porque tinha consciência dessa filiação ideológica,

mas executou táticas visando a estratégia bakuninista de uma revolução social na Rússia a partir da aliança operário-camponesa.

O pensamento de Bakunin foi transmitido pelo grupo de Ralli através do jornal *Rabotnik*, que inspirou a Organização Social-Revolucionária Pan-Russa em Moscou. O programa federalista e coletivista do bakuninismo correspondeu a tendência dominante no movimento na Rússia durante a década de 1870, mas entrou em declínio com o surgimento dos partidos centralizados que visavam a mudança constitucional por meio do terrorismo político no final da década, cujo maior representante foi a organização Vontade do Povo (GAMBLIN, 1999).

O BAKUNINISMO COMO REDE TRANSNACIONAL E INTERGERACIONAL DE MILITANTES

O encontro de Bakunin com a juventude *émigré* na Suíça resultou em cisão política da colônia russa e contribuiu para a criação de um campo federalista e coletivista no meio *narodnik* do final dos anos 1860, e início da década de 1870. Essas adesões ao programa de Bakunin entre os jovens expatriados foram também canalizadas para a atuação da Aliança, revelando os elos entre o bakuninismo na AIT e no populismo russo.

Bakuninistas como Zhukowski, Ralli e Sazhin¹⁷ representam o elo construído por Bakunin entre a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e o populismo revolucionário (LEIER, 2006; VENTURI, 1960; WOODCOCK, 2006). Ao mesmo tempo, em que foram membros da Aliança e denunciaram na Rússia as manobras de Marx para a expulsão de Bakunin da AIT (LEHNING, 1999), contribuíram nos embates com o lavrovismo na comunidade *émigré* e na organização do contrabando de literatura para o Império Russo.

Também entre os russos, Bakunin recrutou seus elementos da geração mais jovem da *intelligentsia*. Os novos exilados, os homens forçados a deixar a Rússia após os movimentos estudantis de 1869, o levaram a crer, em 1872, que finalmente seria capaz de construir um núcleo capaz de ser incluído em seu movimento anarquista internacional. V. Golsteyn e A. Elsnits, que haviam sido presos e expulsos da Universidade de Moscou em 1869, chegaram a Zurique no verão de 1871. M. P. Sazhin e Z. K. Ralli, que tinham estado em contato com Nechaev, agora se juntaram a Bakunin, que, após discussões com eles, no final de março de 1872 fundou a Irmandade Russa. Ele elaborou um regulamento para ela semelhante aos de outros grupos nacionais de sua Aliança. Zurique tornou-se o centro desta associação, e sua imprensa começou a operar na primavera de 1873. Imprimiu *Estatismo e Anarquismo (...)*, uma coleção de artigos de Bakunin chamada *O desenvolvimento histórico da Internacional, e Anarquismo segundo Proudhon*, um relato das ideias de Proudhon escrito em francês por Guillaume e traduzido em russo por Zaytsev. (VENTURI, 1960, 437-438).

17 Utilizava o codinome de Armand Ross.

O bakuninismo, enquanto doutrina e agrupamento de militantes, foi, assim, produzindo seus contornos e ganhando adesões nos concomitantes debates com os marxistas na AIT e com os lavrovistas nas colônias suíças e nos círculos estudantis no Império. Um militante como Sazhin, por exemplo, ainda participou da Comuna de Paris, o que pode indicar não apenas a extensão assumida pela mobilidade dos bakuninistas, mas também a complexa rede política do bakuninismo engendrada por esses militantes entre a AIT, a Comuna de Paris e o populismo revolucionário¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a saída de Bakunin de Nápoles, na Itália, e sua chegada à Genebra, na Suíça, em 1867, foram postas as condições para o início da circulação oral do bakuninismo entre diferentes gerações de revolucionários russos *émigrés*. Do lançamento de *Nadornoe Delo*, em 1868, passando pela publicação do “Apêndice A” de “Estatismo e Anarquia”, em 1873, até a divulgação de *Rabotnik* durante o ano de 1875, operou-se a circulação escrita do bakuninismo entre a Suíça e a Rússia. De forma que, pode-se caracterizar a circulação do bakuninismo, enquanto ideologia e programa, entre 1867 e 1875, como intergeracional e transnacional. Em apenas oito anos, em meio a saída de Bakunin da Liga da Paz e da Liberdade, a fundação da Aliança da Democracia Socialista, os sucessivos embates com os marxistas na AIT e com os lavrovistas na comunidade *émigré*, Bakunin e os bakuninistas construíram um campo de referência federalista e coletivista tanto no socialismo europeu quanto no populismo russo. Esse federalismo e coletivismo enquanto ideologia política e programa revolucionário foram assimilados parcialmente no movimento ir ao povo e pela organização Terra e Liberdade. Por outro lado, foram assimilados integralmente pelos jovens bakuninistas e pela Comuna Revolucionária dos Anarquistas Russos na Suíça, assim como pela Organização Social-Revolucionária Pan-Russa na própria Rússia. Essas iniciativas editoriais e organizacionais revelam como a circulação oral e escrita, assim como a assimilação parcial e integral do bakuninismo foram viabilizadas por uma rede intergeracional e internacional de militantes, que mediaram relações entre a Suíça e a Rússia, entre o socialismo europeu e o narodnismo.

18 The Great Soviet Encyclopedia, 3ª edição. S.v. “Mikhail Sazhin”. Disponível em: <https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Mikhail+Sazhin>. Acesso em 01 ago. 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGAUT, Jean-Christophe. (2018), *Revolution, socialism, and the Slavic question: 1848 and Michael Bakunin*. In: MOGGACH, Douglas; STEADMAN JONES, Gareth. *The 1848 revolutions and European political thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- AZEVEDO, Ariel. (2019), *Questão nacional e revolução: estado-império e a libertação dos povos no pensamento político de Mikhail Bakunin*. Dissertação (Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Universidade Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BAKUNIN, Mikhail. (2003), *Estatismo e anarquia*. São Paulo: Ícone; Imaginário.
- BOURDIEU, Pierre. (2007), *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- BRITO, Luciana. (2016). *Os anarquistas ordenam o mundo: a Filosofia de Proudhon e Bakunin*. Em *Curso*, 3.
- BROMLEY, Jonathan. (2002), *Russia 1848-1917*. Oxford: Heinemann Educational Publishers.
- BROWER, Daniel R. (1975), *Training the nihilists: education and radicalism in Tsarist Russia*. Ithaca: Cornell University Press.
- DALY, Jonathan. (2002), *Political crime in late Imperial Russia*. *The Journal of Modern History*, 74:1, pp. 62-100.
- EKLOF, Ben; SABUROVA, Tatiana. (2017), *A generation of revolutionaries: Nikolai Charushin and Russian populism from the Great Reforms to Perestroika*. Indiana: Indiana University Press.
- FERNANDES, Rubem César. (1982), *Dilemas do socialismo: As controvérsias entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FERREIRA, Andrey. (2010). *Trabalho e ação: o debate entre Bakunin e Marx e sua contribuição para uma sociologia crítica contemporânea*. Em *Debate*, (4), 1-23.
- FERREIRA, Andrey; TONIATTI, Tadeu. (2014), *De baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin*. Niterói: Alternativa.
- FIELD, Daniel. (1987), *Peasants and propagandists in the Russian Movement to the People of 1874*. *The Journal of Modern History*, 59 (3), 416-438.
- FIGES, Orlando. (2002), *Natasha's dance: A cultural history of Russia*. Nova York: Metropolitan Books.
- FIGNER, Vera. (1927), *Memoirs of a revolutionist (authorised translation from the Russian)*. Nova York: International Publishers.
- GOODWIN, James. (2010), *Confronting Dostoevsky's Demons: anarchism and the specter of Bakunin in Twentieth-Century Russia (Middlebury Studies in Russian Language and Literature, Vol. 33)*. Nova York: Peter Lang.

- HARDY, Deborah. (1976), The lonely emigre: Petr Tkachev and the Russian colony in Switzerland. *The Russian Review*, Vol. 35, No. 4 (Oct., 1976), pp. 400-416.
- HARTNETT, Lynne Ann. (2014), *The defiant life of Vera Figner: surviving the Russian revolution*. Indiana: Indiana University Press.
- HILLYAR, Anna. (1999), *Revolutionary women in Russia, 1870-1917: a prosopographical study*, University of Southampton, Faculty of Arts (Department of History), PhD Thesis, 217p.
- KIMBALL, Alan. (1971), The Russian past and the socialist future in the thought of Peter Lavrov. *Slavic Review*, 30 (1), 28-44.
- KROPOTKIN, Pëtr. (1902), *Kropotkin to Nettlau, March 5, 1902*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/petr-kropotkin-to-max-nettlau>. Acesso em: 01 ago 2020.
- LEIER, James Mark. (2006), *Bakunin: the creative passion - a biography*. Nova York: Seven Stories Press.
- LEHNING, Arthur. (2004), *Marxismo y anarquismo en la Revolución Rusa (Utopia Libertaria)*. Buenos Aires: Anarres.
- LEHNING, Arthur. (1999), *Conversaciones con Bakunin (Crónicas)*. Tradução Enrique Hegewicz. Barcelona: Editorial Anagrama.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (2013), *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo.
- McCLELLAN, Woodford. (1979), *Revolutionary exiles: The Russians in the First International and the Paris Commune*. Londres: Frank Cass.
- MOON, David. (1996), Estimating the peasant population of late Imperial Russia from the 1897 Census: a research note. *Europe-Asia Studies*, Vol. 48, No. 1 (Jan., 1996), pp. 141-153.
- NASCIMENTO, Selmo. (2020), *A anarquia social: resistência, insurgência e revolução na teoria de Mikhail Bakunin*. Brasil: Terra sem Amos.
- OFFORD, Derek. (2004), *The Russian revolutionary movement in the 1880s*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PEDRO, Felipe Corrêa. (2019), “Unidade real de pensamento e ação”: teoria política e trajetória de Mikhail Bakunin. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, Campinas.
- PERSCH, Martin Albert. (2021), *Bakunin decolonial: emancipação epistemológica ou teoria heterodoxa*. Brasil: Terra sem Amos.
- PIPES, Richard. (1964), *Narodnichestvo: A semantic inquiry*. *Slavic review*, 23 (3), 441-458.

PIPES, Richard. (1960), Russian Marxism and Its Populist Background: The Late Nineteenth Century. *The Russian Review*, 19 (4), 316-337.

POMPER, Philip. (1993), *The Russian revolutionary intelligentsia (The European history series)*. Illinois: Harlan Davidson.

SENN, Alfred Erich. (1968), Les révolutionnaires russes et l'asile politique en Suisse avant 1917. In: *Cahiers du monde russe et soviétique*. Vol. 9, n° 3-4. Juillet-Décembre 1968. pp. 324-336.

SILVA, Pablo Javier Abufom. (2010), *Reconciliación y revolución: La juventud hegeliana de Mijaíl Bakunin*. Monografía (Graduação em Filosofia), Universidad de Arte y Ciencias Sociales. Santiago, Chile.

The Great Soviet Encyclopedia, 3º edição. S.v. “Mikhail Sazhin”. Disponível em: <https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Mikhail+Sazhin>. Acesso em 01 ago. 2020.

VENTURI, Franco. (1972), *Il populismo russo. I. Herzen, Bakunin, Cernysevsij (Piccola Biblioteca Einaudi)*. Torino: Einaudi.

VENTURI, Franco. (1960), *Roots of revolution: a history of the populist and socialist movements in Nineteenth Century Russia*. Traduzido por Francis Haskell. Nova York: Alfred A. Knopf.

VERHOEVEN, Claudia. (2011), *The odd man Karakozov: Imperial Russia, modernity, and the birth of terrorism*. Ithaca: Cornell University Press.

YARMOLINSKY, Avrahm. (1956), *Road to revolution: a century of Russian radicalism*. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/avrahm-yarmolinsky-road-to-revolution.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2022.